

***SOMBRAS
DIURNAS***

Livro 43

Escritos do eu

Roberto Curi Hallal

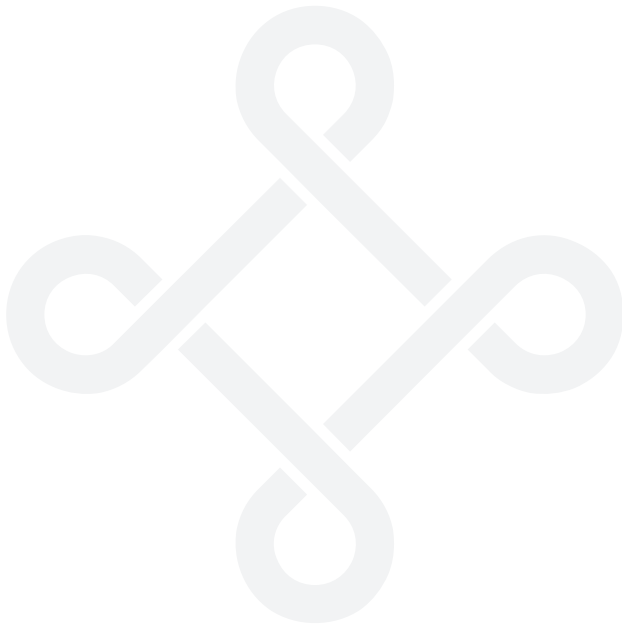


© 2018 Roberto Curi Hallal

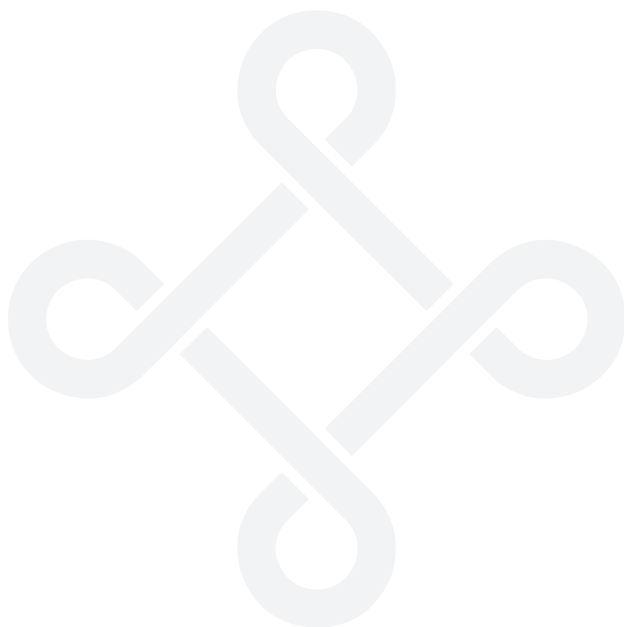
Produção Editorial
Gilberto Strunck

Capa
Dia Comunicação

Produção gráfica
Dia Comunicação



Roberto Curi Hallal



INCÔMODO

Volto voando alto, pelas margens, movendo-me em direção a algum delírio onde caiba o tanto que adiei. Escapando como um louco, fugido do esquecimento. Dou nome aos pedaços distribuídos por todos os tempos que vivi. Torno atual uma próspera capacidade de restituir um caminho. Favorável à essa interiorização, nem sempre posso menear esses negócios temporais ao meu sabor.



A DOR E O ENAMORAMENTO

Mantenho meu sofrimento tolerável, tornando-o vizinho. Essa dor que acompanha a vida de perto, estende os braços para que eu saiba onde me aninhar. Está segura, presente. Convida-me a tê-la em conta, convence-me até lhe dar as boas vindas. Ao fim, quando ela se apresenta, vicia. Na casa habitada, guardam-lhe lugar à mesa. Ela deita comigo, passeia

pelos pátios, corredores, se mete na garganta na coluna nas pernas no nervo cansado de inervar, se impõe no prato escasso, na fome tanta, no orgasmo negado.

Domo meu sofrimento, retenho-o tolerável, limito a dor para que ela não se acostume a mim. Mudo o ângulo para não me acostumar a sua companhia, desenvolvo certa empatia com ela para não ficar ofendido. Propus-lhe trégua nessa luta, contrariando-a toda vez que ela tenta me tirar o compromisso com a vida. Ela me faz promessas tentadoras, me oferece um drama impuro, transgride, me permite sonhar, habita meu interior, prometendo festa. De tão importante, fica valendo como afeto ocasional. E, todavia, nada pesa mais que a dor.



A HARMONIA

A harmonia dos sentimentos precisa ser aceita em certos momentos como esse, em que tenho de curar as feridas. Ela me encerra na utopia, me resguarda dos

enfrentamentos. Eu estou por aqui com sobras de afeto, disposição e interesse. Sempre voltado a empenhar-me, a cuidar-me dentro do que posso acolher até fatigar a paciência alheia, cansada de tantos descuidos. Esta harmonia chega sem pedir licença, se instala e vai quebrando até ser um pouco de paz. Entre tantos mortos sigo vivo, levando a solidão de todos.



MINHAS RECORDAÇÕES

Nas minhas recordações, mediadas por uma ordem superior, o tempo não foge em retirada, fica um pouco mais para brincar de eterno, convida-me a reinventar o prazer das promessas cumpridas, atendendo a uma convocação que mistura alguns impossíveis. Faz-me quase um sonho, cuida e ocupa da minha imaginação. Faz-me saber que sempre necessito de um aperto de mãos, um abraço que me convença e um olhar que me dê paz. Exclamo, com surpresa, entusiasmado, toda vez que ouço uma voz antiga portadora de uma esperança

retomada, feito os segredos arcanos plantando novos frutos. Minhas recordações transformam minha intimidade. Intactas, são capazes de expulsar a desistência, produzir esperança aguda e fazer-me uma calorosa companhia.



CENA INTACTA

Deixei a casa paterna estendendo-me para além do corredor onde minha gente comia junto, povoada de afeto. Deleguei os laços aos cartões postais e a algumas visitas ocasionais. Da minha janela via o mundo, antes e depois do bar da esquina, ditando o silêncio e a bagunça. Não havia motivos maiores para sair, assim mesmo saí, as fronteiras que me cercavam ficaram pequenas enquanto pensava encontrar tudo em Buenos Aires. Não saí sem antes prometer-me que não voltaria. Por consideração, não quis que minha decisão merecesse reparos ou arruinasse meus planos para ter uma identidade. Deleguei a cada coisa minha,

ali deixada, o direito de me representar quando minha ausência fosse notada. Não posso deixar de pensar que ainda sigo deixando-me levar por aqueles apetites. Considero que, feitos alguns reparos, ainda sigo recuperando os cheiros da comida de minha mãe, a sua generosidade em ofertá-la a mim, presença que ainda me acompanha.

O último que saiu, não fechou a porta da casa. Ninguém desfez o lugar. A cena mantém-se intacta. O vigor da memória faz-me seguir entrando e saindo dali todos os dias.



AS CARAS DA VIDA

A amabilidade me faz alcançar uma satisfação calma. Fez-se um contraponto, olho a dor que a alguns persegue, crônica, imutável, sendo-lhes útil a todos pesares. Já que por mim não vivo só a minha vida, resta-me repartir com eles esta dor que é tanto sua. Não sei qual razão os mantém firmes, por quem eles atuam

e vivem, a quem ainda enviam alguma esperança, repartindo “o quase nada” que têm. Assisto assim alguma dor que dá direito ao sofrimento e também a generosidade de alguns que fazem durar sua obra que alimenta a muitas classes, são eles os que adornam e a graça difundem. Brilham juntos com frequência, se confundem com impulsos os dons mais carinhosos. Podem ser assistidos nas rotinas das ruas e no silêncio das casas. Espalhadas por anônimos essa evolução fica como última palavra de uma obra de preservação e crença nos humanos. É um espelho onde se encontram e fazem reflexo as caras da vida. Honrada dignidade que leva tempo forjando-se, eles sempre têm hóspedes a seu redor, suas portas estão sempre abertas, como seus braços, prontos a acolher. Fazem da vida uma arte do possível, preferem forrar o coração de bom gosto expressando a bondade como algo original, mostram-na como própria.

Não sei muito bem o que pensar deles. Poderiam viver de gozar pequenos prazeres, mas delicadamente repartem a tragédia e inauguram um simpático direito, pródigo, solidário, que se translada de um corpo a outro.

Não tardam em aparecer diversos olhos que não se

acostumam a tudo aquilo, não sabendo onde pôr as máscaras, tentam dar-lhes um basta!

Como eles trazem a vida sendo permanentemente resgatada tratam os intrusos com toda cortesia. Penduram o ódio de cabeça para baixo, o reduzem a um simples parecer destituindo-lhe de todo o poder, não lhes dão muita atenção, não lhes investem especial interesse. Desprovidos de poder, todos se calam, suas palavras perdem o sentido, as penas se estendem de lado a lado, enquanto alguns como bestas exaltam a arrogância como troféu, outros seguem presos a seus destinos de fechar todos os dias as feridas, estendendo os braços a alguém que de bom grado lhe deem um sorriso, alguma amabilidade.

UM ATALHO

Pus-me em uma situação difícil, fiz sentir vivamente no momento de encontrar aquela mulher venerada. Por que tirar-me todos os ânimos frente à necessidade de apresentar-me livre com meus desejos? Tão penoso foi, quando pensava declarar amor, que tive de me desculpar afetuosamente, agradecido por ela ter acolhido o medo e o silêncio, guardando minha declaração. Por detrás da minha vergonha, vi crescer meus ciúmes apaixonados misturados a vagas curiosidades que ficaram sem resposta. O silêncio delatou tudo o que lhe quis falar. Temi uma cena de paixão, acabei como um homem banal querendo ser singular para introduzir-me em sua confiança. Finalmente, havia chegado a hora de contar tudo, ter o contentamento com a sinceridade espalhada. Não passou muito tempo fiquei desalentado, sem ação, esperando que algo me conduzisse por um atalho a um recomeço.

À BEIRA DO PASSADO

Salvo um quê de suavidade, todo o resto é violência. Não sei onde descansar esta minha aflição de não ver a vitória do gozo. A dor emudeceu meu suspiro, transformado em silenciosa tristeza, idêntica a outras derivadas da morte e da decepção. Esgotado, abandono as saudades, esqueço que as tive, que as criei, que as vivi. Desfeita a memória, sempre me perco na calmaria, nela exalo a morte, a inutilidade, revelo-me incapaz de enviar flores.

Nada a declarar quando me estiro a dormir sem sonhos. Fico com o riso magoado dos humilhados, e, embora me disfarce seja conduzido ao campo solitário de um ninho que já não me abriga. Fica entendido que não consigo esquecer as ofensas inoportunas, que me apanham desprevenido, apunhalando-me durante o abraço. Uma dívida antiga sustenta uma das minhas culpas. Entre explicações, uma ou outra se avizinha, sem que nenhuma me faça crer na isenção. Elas brincam comigo, mostram-me o já vivido, quantas coisas perdidas. O resto está escondido pelo esquecimento, recolhido em algum lugar à beira do passado pedindo-me que o deixe em paz no seu lugar.

DENTRO DO PEITO

Gastei minhas procuras, com um sentir honesto, vi vidas que a morte fria levou. Sem apontar o futuro, o rosto feiticeiro da virgem esquivou-se de mim. Reina em mim certa desordem, misturo tempos, fotos, vivências, resisto, mas creio que a esperança mentiu-me. Ou então, à noite ela muda seu rumo, envereda pelos meus sonhos e me acalma para dormir onde durmo, no tempo passado. Acordo no presente. Dentro do peito sinto um rumo desviado, meus caminhos contêm vias que não são minhas. A noite passada perdi o sono e recorri a um caminho enorme até me reencontrar. Acho que não foi um sonho, foi um esforço para melhorar uma gastrite que me denuncia alguma hipocrisia não intencional, mas por mim cometida.

A VIDA É SÓ UMA MENINA

Minha vida, se é tua a graça que me comove, vem lançar sobre mim a afeição que me alimenta a vontade de viver. Prometo-te envolver-me em um notável compromisso. Sobretudo, quando és uma vida que já desisti de viver, uma vida onde jazem tantas esperanças mortas. Deitarei novas vontades. Igual seria se despejassem em mim vários faróis. Então, desses mares, tiraria novas aventuras, teria a volta com mais ternura. Revestiria esse destino com novos finais. Vestiria minhas melhores intenções de possíveis belezas, mostraria o melhor de mim para receber a água da fonte e o amor nascente.

Vem, inocente vida, para pernoitar como se eu fosse tua casa, vem, donzela, para que eu te possua. Vem sonhar abrigo, ouvir canções de ninar.

Quando tudo canta e a boa vontade me inunda o peito, que pena! ir-se tudo. Depois de tanto aprender, levarei da existência tantas saudades. A vida, essa menina brincalhona, provocativa, fugidia, sem um gemido, sem uma queixa, vai-se embora tão cedo, que pena!

CONFESSO

De tanto viver, meus silêncios se alongam. Para animar minha inspiração, sonhei que adormecia em um colo deitando a fronte em seios que me ensinaram o encanto ali impregnado. Feito um punhado de glórias ficou minha alma sedenta, obsessiva, clamando por infindáveis repetições. Não consigo reinventar o suave estar que me fez viver os mistérios da vida, que, tão tarde aprendidos, povoam-me. Era tudo o que eu podia enquanto a saudade reinava. Diante dos meus devaneios, aquela amada me fez dormir, me emprestou sua paz, me guardou o descanso. Despertei sem medo. Alimento meu delírio: deita sobre mim uma sombra que ilumine belos dias, ofereça um caminho para minha mente errante fazer-se inventora de poesias e outras doidas declarações. Sou inundado pelo desejo dessas imagens que despem minha amada à noite e trazem-na até mim. Encontram-me querendo-a. Então, mais atrevido, incluo-a em todos os meus sonhos, ocupando todo o repertório de invenções. Torno-me íntimo como suas entranhas, habitando-a de tal forma, que, como seu sangue, alimento-a, em silêncio, percorrendo-a inteira.

A DOR NUNCA VENCIDA

Na minha dor, desafogo uma sombra que me fere. A vida pálida, vaga nas lágrimas, nos soluços. Grande o drama que permanece fustigando minha frágil paz. Quantas vezes chorei, nem eu sei quantas! Por fim, me propus um armistício, como antigamente troquei o susto pela esperança. Na contramão da dor que se avoluma, ainda me surpreendo com o que vejo neste mundo. E geme dentro de mim um remorso por haver deixado de sonhar e por não lembrar mais da alegria que me acompanhava.

Preciso de uma trégua rápida que me conceda uma urgente alegria. Eu quero reconciliar-me com a vida, ser correspondido, encontrar um silêncio quieto, uma dieta que diminua as condenações, um reconhecimento que confirme o mérito. Quero viver uma vida mais sensata, sem precisar fugir tanto nem vagar buscando um consolo e um regaço que me agasalhe. Espero sair, assim, da comitiva dos desencantados, esquecer as injúrias e as ofensas, dar fácil o perdão, evitar a ira. Depois de tudo, se ainda não me fizer entender, alguns silêncios bastarão para amenizar as penas da imensa dor que torna a ir e torna a vir, a dor nunca vencida.

INCENTIVO

Atrevo a seguir, oscilando entre o que fui e o que sou. Faço uso alternativo da inocência que desarma. Utilizo tratos funcionais, orientados para não alimentar ódios, tento ser melhor pessoa, nem sempre alcanço. Derramo meus sentimentos fora de hora, com quem não sabe o quanto os prezo, espero reconhecimento dos mais íntimos sem que eles se interessem pela minha carência. Decepcionado, procuro o amor onde ele não está. Convivo com uma resistência sistemática, entre pessoas que cuidam de si. Priorizam suas conveniências, administram suas adversidades, concentram-se em seus compromissos, adornam-se ao espelho, esvaziando-me na indiferença. Meu modo de estar lhes incomoda.

Em um mundo que valoriza o trágico, tento recuperar o valor do encontro. Poucos se regozijam com êxitos, aventuras felizes. Transito entre sozinhos, anônimos em busca de suporte, buscando alguém que esclareça a dúvida e acalme o medo. Prima a compra e a venda por um inocente lugar onde a vontade sincera valha uma parceria e as relações deixem de ser adaptativas, negando a existência do amor como meio e fim, sério e profundo, capaz de sustentar-se e dar sustento.

OUTROS SENTIMENTOS

Nomeio aqueles gestos mais simples que me dão sentido às lágrimas inesperadas. Por haver encontrado esse destino, me empenho para chegar a cada novo desembarque, a cada nova etapa da minha vida, aceitando retomar as negociações com o tempo perdido e as convicções esquecidas.

Ocupando um lugar diferente do eleito, faço-me conhecedor da vida apresentada em ações verticais, em surpresas desagradáveis, em dores insuportáveis, em convivências toleradas. Autorizo minha percepção a propor o sequestro das boas intenções na medida em que vôo, desejando, e aterrizo forçado.

Essa falta de valores que me cerca transforma-me em um carente de cuidados. No entanto, estou longe de aceitar a arrogância assistencial que me cerca.

A sábia prudência me reserva um triunfo: o de haver economizado sofrimentos inúteis. Predisposto a introduzir novas perspectivas, uso todo o montante de paciência para despertar o testemunho de todos os que me veem construído, alimentado, obstinado, buscando amores que valham a pena, dedicações que valham a pena, onde eu possa depositar a esperança sem ter

risco de perdê-la.

Prolongo a vida enquanto posso. Enquanto possa viver no tempo justo, espero ver a minha gente caminhar com o mérito devido e reconhecido, os valores sendo o personagem principal, intactos, vivos e autorizados a permanecer imunes à fome e outras desgraças sem que eu tenha que ficar conforme.

Vivo em uma possível e tolerável harmonia. Quando posso, me livro dos apuros.



OLHE PARA O LADO

Se alguém quiser conhecer entre quem vive, olhe para o lado, cultive o que vir, leve a efeito uma ação sincera, induza alguma virtude para que ela acorde o eterno desejo de somar-se à multidão que está logo ali, ao alcance do abraço, a espera do cortes sorriso que umedeça a aridez das pestanas.

Autorize uma liberdade crescente até afeiçoar-se pelo próximo como nunca o fez. Divulgue esse segredo,

conte todo o vazio do isolamento disfarçado de opção. Reduza o ataque, regularize a permissão, intrometa-se na solidão dos outros povoando-as de vontade de sair do lugar. Alie-se a alguma alegria abandonada para aumentar-lhe a frequência. Mexa com todos os quietos, torne-os guias da agitação, da manifestação que acolhe o amor que mitiga e entenece. Tire-os do silêncio para ver se a tristeza vai-se embora. Lavre o estéril, inclua um gesto para fugir dos recessos. Exalte os excessos na comemoração da conquista, limpe a multidão dos vícios que míngua a ambição de ler, de entender, de situar-se.

Olhe para o lado e sinta o quanto essa gente vive triste e aborrecida porque não se atreve a indignar-se. Sugados, omitidos, desconsiderados, aflitos na desumanização, sucumbem na luta caindo quase mortos quase vivos. Sempre quietos e feridos não aprendem a desistir. Cobrem-se de uma insensibilidade que lhes diminui a dor e a habituação ao sofrer os faz suar dentro da couraça. Acostumam-se a ficar quietos. Quando lhes veem os ataques de fúria, apanham mais da vida, enraivecidos engolem a própria ira. Todo sentimento de justiça perde-se na morte assistida, que de tão banalizada esteriliza neles qualquer sentir. Edificados

entre tantas mortes cessam de viver.

Estão morrendo aqui de morte matada, se pelo menos morressem de morte morrida! Desaguam todas as lágrimas choradas, pais e filhos, órfãos despreparados. Sofrem em silêncio, em nome da lei, nesta íngreme descida tem aqui um inferno abandonado, de parceira uma sociedade moribunda que vive de maus costumes, de vidas irregulares, de execuções, de desigualdades, da drogas. Os humores aflitos se lançam no nada, esses pagadores de impostos, pais que velam as balas perdidas todas as noites para que elas sigam perdidas. Descuidados tendem a se extinguir, como uma espécie desperdiçada. De tanto mau uso; acabam, de tão inoportuno; ficam estranhos ao ambiente. Interrompem-se, não chegam ao final do enredo.

Olhe para o lado, eles não são adversários, vivem como podem e morrem anônimos. São ovelhas entre leões. Mostram amor a quem os engana. Comovidos rezam e cantam com seus executores, deixam suas casas para servir, habitam nas ruas. Vestem-se como humanos, parecem-se aos humanos, suas almas cansadas não combina com eles, deixam-se convencer, trocam a virtude por uma fraqueza. Quando aí chegam, constataam que mudaram de nome. Sofrem a alteração, mudam

os hábitos, transferem a identidade, imaginam outra condição, como vulgos errantes desaparecem entre lamentações e perdas, ficam anônimos, numéricos, estatísticos, indigentes.



UM SÉRIO HOMEM

Ali, logo feito adulto, iniciei o uso consistente de fazer de conta que cuido. É que às vezes pareço concorrer com o tempo e o espaço que compostos são imprevisíveis, sempre independentes, indomáveis, fugindo do meu controle criando variantes auspiciosas e trágicas.

Tratando de discutir com o destino adquiri por teimosia o direito de duvidar, de me encerrar de acordo as minhas conveniências, tomar-me de espanto, fingir, jurar como um homem bom e mentir como disfarce.

Dar asilo já fiz, confirmei injustos poderes, calei provocando injustiças, piedosamente hipócrita fingi não ver o que via. Inclinado à ingratidão desvalorizei

amigos sinceros para acompanhar oportunistas. Horrorizo-me de lembrar as vezes que desvalorizei amores em lugar de guardá-los no paraíso. Celebrei honrosamente elogios fáceis e convidei os piores para momentos nobres. Imóvel vi a miséria no chão disfarçada de gente, com olhar de fome e uma dor sangrante, indolor passei limpando meus olhos. Aprendi a fingir com propriedade, inventando insolente ser um fornecedor de sensibilidades quando não sabia nem dar conta das minhas. Dei forma própria à soberba. Tornei homogênea a presunção segundo a qual eu seria superior à alguns a quem doeï como esmola, o que me sobrava, enquanto em meus dias recebia como hóspede alguém inclinado a bajular-me.

Honrei-me diante de medíocres que não me entendiam ocupando minha hora/vida nutrindo-se do que eu tenho de melhor.

À sombra, esse sombrio que sou capaz de ser é uma parte mínima alimentada por vícios. Hipotequei minha ética para alimenta-la esquecendo do meu sonho e da promessa de ser solidário. Conforme compromisso jurado jamais fazer pactos, e sempre portar-me com decência e honestidade.

EMOÇÕES ESCONDIDAS

Inútil viver emoções escondidas. Moldo minhas ações como forma de dar vida às adormecidas recordações. Elas se movem à deriva meus ânimos, livrando-me de meus desânimos.

Escondi meus afetos. Quanto mais profundos e autênticos, menor a possibilidade de mostrá-los, pois faltam ouvidos.

É quase uma missão, uma obrigação esconder a lástima, a lágrima, a tristeza, a dor, a indignação, a raiva impotente. Sentir as injustiças, de nada serve entre inábeis promotores da repressão e da banalização do valor do sentir. As emoções escondidas carregam consigo toda a capacidade de percepção do mundo. Manter o interior como um desconhecido é a melhor forma de alienar.

BENEFÍCIOS

Inútil viver emoções escondidas. Moldo minhas ações como forma de dar vida às adormecidas recordações. Elas se movem à deriva, meus ânimos, livrando-me de meus desânimos.

Escondi meus afetos. Quanto mais profundos e autênticos, menor a possibilidade de mostrá-los, pois faltam ouvidos.

É quase uma missão, uma obrigação esconder a lástima, a lágrima, a tristeza, a dor, a indignação, a raiva impotente. Sentir as injustiças, de nada serve entre inábeis promotores da repressão e da banalização do valor do sentir. As emoções escondidas carregam consigo toda a capacidade de percepção do mundo. Manter o interior como um desconhecido é a melhor forma de alienar.

NÃO APTO PARA MEMÓRIAS

Esqueci, perdi a lembrança ao prorrogar alguns desejos. Enveredei pregando peças primeiro no meu passado; depois, quase rompi, não fosse pelas sutis lembranças que, fracionadas, me faziam recordar um cheiro, um ar de não sei o quê misturando-se no meu agora, enxertando episódios provedores de um sentir no passado esquecido, equipando uma expectativa de igualar o que sou com o que fui, embora me faltem pedaços grandes e pequenos, reduzido que fui aos rudes modos que dispensam a singeleza, pura como água de fonte. Recolho as lembranças. Não quero arriscar-me a levá-las a passear.

Não ando apto para memórias, muito mais aquelas que fizeram minha infância e alegraram minha adolescência. Ficaram como uma herança que entra pelos flancos e pelo centro, como vento, como cor. Separando a carne dos ossos, ordeno os abafados rancores para não virarem ódio. Tenho notícias de que os meus antecessores resolveram poupar-me dos ruídos, das inquietudes trazidas pelo descaso que o esquecimento lhes impôs. Apanho a roupa suja e a lavo em casa, finjo-me de morto quando não quero rebater

a ira que contra mim se volta, quando juro em falso e nego ser eu este que está ali na memória. Reduzo a silêncio os gritos da minha natureza, saídos desde a profundidade e trazendo consigo a compaixão e o resgate que daria calor à alma escapada.

Um espasmo ou outro me define como território, como posse, como um avançado muro que não dá ouvidos à opinião mais honesta sobre si mesmo. Tal o esquecimento que reviro esse guardado de coisas não aptas para memória porque lhes roubei a autoridade e a validade. Presto essas contas porque escondi aquele tempo, que tanto estimo.

Esse, o lugar onde vivo, esse o tempo sem vínculos, não apto para memórias.

AS PALAVRAS QUE FALAM POR MIM

Algumas vezes, busco tirar das palavras o afeto que nelas carrego, liberto do papel fechado os meus sentimentos ocasionalmente distribuídos. Corro um risco avaliado dizendo o que outros sentem sem se exporem. Sou pretensamente inventor do meu destino. Animo a palavra, provocando-a para que dance e cante.

Tento sempre, da próxima vez, chegar mais, o suficiente para marcarmos novos encontros, ainda que seja uma página a mais, melhor se forem tantas quantas alcancei escrever. As palavras são declarações da minha imensa vontade de viver. Elas falam dos meus muitos eus, de tantas outras vontades que são declarações, notas de encontros, das belezas vistas e encontradas, das desculpas omitidas, das reparações, dos acertos, das convicções sobretudo confissões de despedidas que nunca tive coragem de realizar,.

COMO ANTIGAS FÁBULAS

Como antigas fábulas, muito do que eu guardo no meu íntimo espera inerte um narrador que delas se lembre e lhes ofereça porções do seu sentir e uma voz que as mova do seu esquecido lugar. Oculta em seu inocente silêncio jaz aprisionada uma alma infinita que abriga amor e eternidade confundidos com a saudade que, as vezes, alegre. Adoça a vida, contando finais felizes, exatamente aqueles que quero ouvir. Todo amor ilusório ou desolado é deixado para a tragédia que vive de respirá-lo.

Como fonte infindável, aquelas histórias aguardam ser colhidas como fruta de estação, como uma aventura ao alcance das mãos e das lembranças. Elas declaram o que conheço há muito tempo, e me fazem cair em absoluta e íntima saudade. Trazem amantes coincidentes, enlaçados, almas unidas por uma desconhecida e misteriosa cumplicidade.

A essas histórias peço ajuda para recobrar o que já acreditei, nada mais que um consolo capaz de ajudar-me a recuperar o fôlego; que interrompa o continuado vazio que habita aquele que mudou de voz e escuta. Quase me chamo um corpo, clamo ouvir novamente

cantigas de ninar, comoções familiares, rumores de que as coisas irão melhorar. Nada mais. Que não há por que ter medo. Algo que me comova.

Abre-se a recordação e aparece um sorvete artesanal, algumas sucatas, outras invenções, alguns devaneios entremeados com alguns acontecimentos, ora distorcidos pelo exagero, ora pela vontade de ser feliz.



INVENTO FÓRMULAS

Vivo falando do amor em novos textos, sensível aos momentos, a distancia, à presença que fortalece. O amor me deixa vulnerável, embora me recarregue de energia e me faça querer continuar. Ele me dá todas as doses da vida, ainda que sofra a necessidade de renovar afetos, trocas sinceras, laços. Enquanto estive dele bem acompanhado, habituei-me a ouvir seu canto.

FURTIVA MEMÓRIA

Esta nostálgica e furtiva memória que reina em mim, que se assume como um poder comandante, imune ao tempo, promove o retorno de encantos inesquecíveis. Os fantasio quais novidades que abrem novos caminhos para uma participação mais forte no futuro. Fiz da dor meu estado natural até me acostumar a ela. Ao ver-me em perigo ficou mais difícil reunir as virtudes e fazê-las permanecer. Procuro-lhes, mesmo sabedor de que não há quase nada que possa refutar a finitude, essa incomoda imagem humana de que a vida é perecível e que, algum dia terei que dela me despedir.

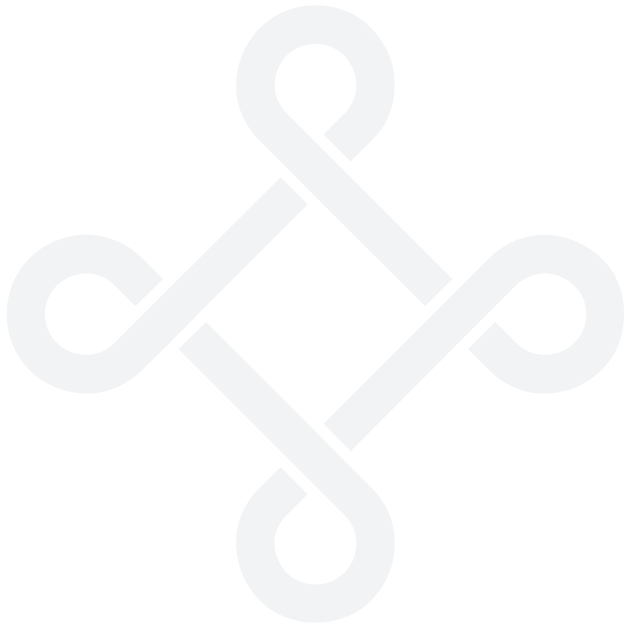
Em ato memorável, declarei-me impotente. Esterilizada a boa vontade me sinto aos pedaços. Por prezar-me, alcancei um pouco da minha própria dignidade e resolvi esquecer esta memória que se impõe forte e inamovível. Amanheci matando qualquer vínculo para não comprometer a crença nas pessoas que por imprudência me fizeram equivocar, pois não quero maltratá-las com adiadas palavras ofensivas que não foram ditas aos que as mereceriam tê-las ouvido. Incapaz de me conter, feito o atentado, estremeço espantado fico entre a surpresa e o arrependimento.

Tudo fazia crer que eu morreria naquele instante, mutilado em minhas crenças. Busquei agarrar-me de algo essencial, alguma raiz, qualquer coisa que tivesse se salvado da adulteração, da pirataria, da falsificação. Alguma palavra que aumentasse o valor dos afetos nela investidos e que mais além que poesias fossem inqueritos, depoimentos, testemunhos de que mesmo moribundo não renunciei aos meus direitos.

Essas memórias mitigam e enternecem começando a propor um uso novo para a antiga sabedoria que posta em algum cantinho qual mobília superada e fora de lugar. Tal o afeto que as encerram que são monumentos ao passado, dignos que lhes emprestemos a voz deixando brotar o conteúdo como entrada, prato principal e sobremesa. Mantendo meu poder de participar do futuro embora já sem voz, fiz do meu silêncio uma regra entre o pensado e o não dito certo de que não poderia fazer diferente. Ocultei meu quase todo, fingindo aceitar algum caminho que evitasse o desencontro que impediria fazer daquele momento uma consagração indicando o caminho da exaustão. Desenvolvendo novas alternativas tento mudar o passado mesmo sabendo que a única alternativa que muda é o presente lugar de onde vêm as virtudes disfarçadas se aprende a

viver parcializando a percepção. Assentado nos gestos serenos finjo uma paz que consigo ter. Nada menos confiável que um homem consciente da sua omissão e da sua conivência com as injustiças.

Quando decifrei a manipulação dos códigos perdi a inocência. Todo o conhecimento que me foi oferecido estava politizado, dirigido a eternizar a minha ignorância.



Roberto Curi Hallal

